



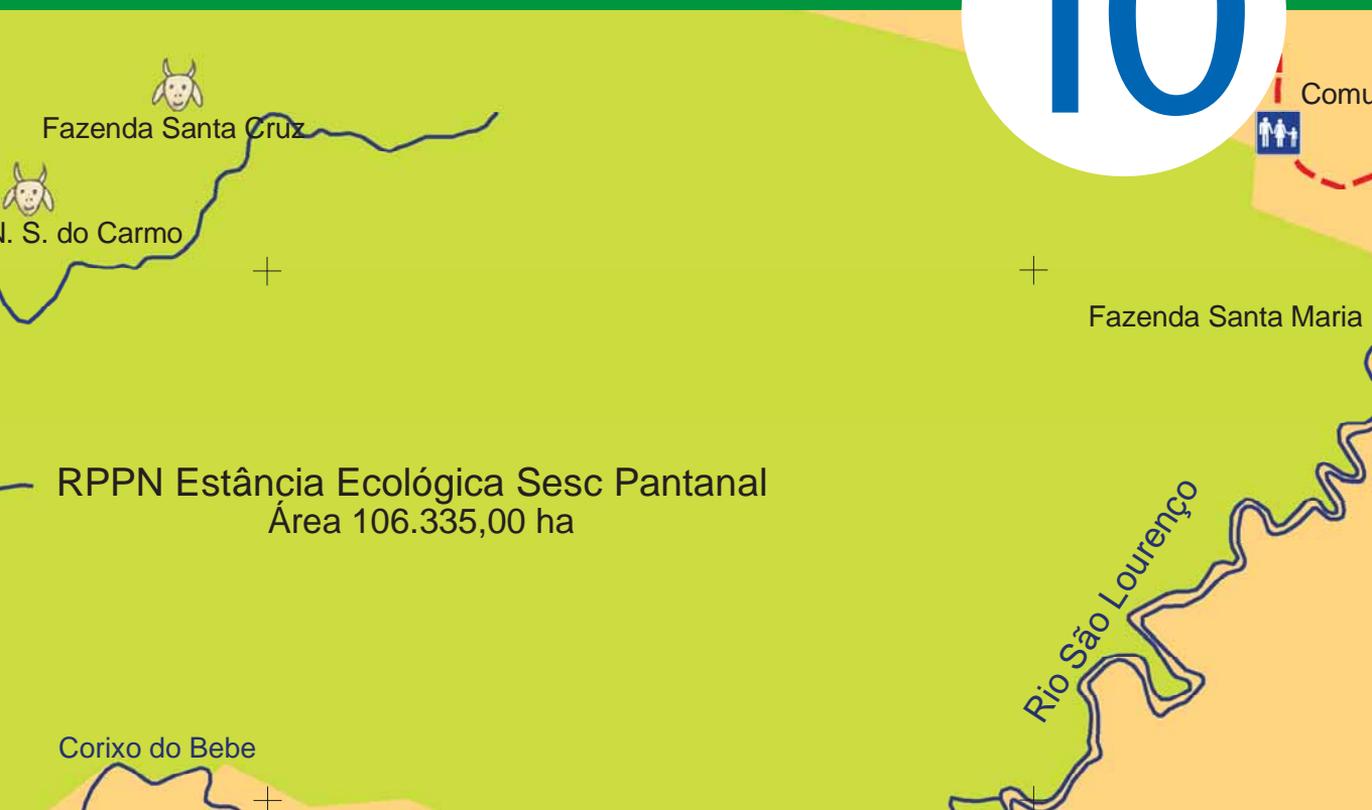
Associação dos Moradores de São Pedro de Joselândia
Associação dos Moradores da Pimenteira
Irmandade de São Pedro

Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Povoado Pantaneiro de Joselândia

Mato Grosso

10



Associação dos Moradores de São Pedro

Presidente: Antônio Santana da Silva Moura

Associação dos Moradores da Pimenteira

Presidente: José Domingos Padilha de Moura

Irmandade da Igreja de São Pedro

Presidente: Libório Santana da Silva



*Sr. Joaquim Santana Rodrigues e Dona Tarcila
no altar de casa*

**Projeto Nova Cartografia Social
dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**

FASCÍCULO 10

Povoado Pantaneiro de Joselândia

Brasília DF, abril 2007

ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCS-PCTB

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Rosa E. Acevedo Marin

(NAEA-UFPA, UNAMAZ)

Joaquim Shiraiishi Neto

(PPGDA-UEA)

Equipe de pesquisa e apoio a oficina

Sueli Pereira Castro

(NERU-UFMT)

Carlos Alberto Castro

(NERU-UFMT)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

(UNAMAZ/NAEA/UFPA)

Itamara dos Anjos Oliveira

(Mestranda em História – UFMT)

Ariane Márcia Cândido de Oliveira

(Estudante do Serviço Social – UFMT)

José Antonio Moreira

(Estudante de Ciências Sociais – UFMT)

Renata da Silva Fonseca

(Estudante de Ciências Sociais – UFMT)

Naiana Pignatti Bertele

(Estudante de Ciências Sociais – UFMT)

Daniela Fernandes da Silva

(Estudante de Ciências Sociais – UFMT)

Edição

Sueli Pereira Castro

Carlos Alberto Castro

Cartografia e Mapas

Gabriel Marcila/ BioSig Geo Tecnologia e Informações

Carlos Alberto Castro

Fotografia

Carlos Alberto Castro (foto da capa)

Tiago Kramer de Oliveira

João Carlos Barrozo

Itamara dos Anjos Oliveira

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br

"Igual que nós como irmão, éh! Um casa com filha daqui [São Pedro] mora na Pimenteira, outro casa com rapaz de lá mora aqui, outro casa com um lá do Retiro. Casa daqui mora lá, e assim vai aquele bastante pessoa. Nós como igual irmão, tudo nós conhecemos um ao outro, tudo nós sabe qual é essa precisão que tem, o que um tem tudo tem essa precisão porque nós sofremos aqui. Aqui é um lugar que nós sofre muito, porque nós num tem estrada, nós num tem nada que serve pra nós aqui, nós estamos vivendo porque nós gosta do lugar. Nós nascemos aqui, nós vivemos aqui, morar noutra lugar eu num vou em outro lugar." **Sra. Maria José da Silva**

"Este sentido de *pertencimento* é dado por uma memória coletiva, mantida na oralidade, em que a rede de parentesco está unida por meio de uma ancestralidade vinculada aos três irmãos que subindo o Rio Coxim, trazendo seu gado, fundaram o lugar *que era sertão*.

A primeira tapera que existiu aqui dentro deste sertão foi da família do Joaquim Leite. Então, que entrou três irmãos. São três irmãos, que entraram neste sertão. Daí, como eu estava contando, meu advogado ele falou: se ele cercasse tudo ficava negócio bom, mas ele era um povo demais de bom, chegava um, chegava outro e que queria trabalhar, então dizia – pode trabalhar.. Nunca ligaram, nunca ligamos de cercar." **Sr. Pedro Silvestre**

"Era só mato virgem, só mato alto mesmo. Lá tinha bicho; lá tinha onça, lá tinha pé de garrafa; lá tinha tudo quanto era coisa. Eles foram lá, foram fundando, foram morando, foram fazendo casa, aí foi afastando essas coisas. Eles (os três irmãos) fundaram aqui. Eles tinham muito gado e vieram." **Ana Maciel de Araújo**

"...nós aqui somos lá da Pimenteira, então lá têm aquelas famílias, tem aquele jeito de união nossa. É daquele lugar; é nosso jeito. Lá, por exemplo, no Retiro, no Mocambo, no São Pedro tem outro jeito de união. É do grupo deles." **Sr. José Dias**

O conjunto de comunidades que forma o povoado pantaneiro de Joselândia constitui o território – terras tradicionalmente ocupadas –, e expressa uma forma de existência coletiva destes grupos sociais em suas relações com os recursos da natureza.

Por que os fascículos regionais?

A iniciativa do Projeto Nova Cartografia Social em articulação com as nossas Associações dos Moradores de Joselândia e Pimenteira e a Irmandade de São Pedro de Joselândia de produzir este fascículo está relacionada aos anseios do nosso povoado pantaneiro de promover, conservar e fazer conhecer o nosso modo de fazer e de ser na labuta com a lida da terra, de divulgar a nossa tradição de união (muxirum). Também nos interessa mostrar as dificuldades vivenciadas pela gente pantaneira com a falta de qualquer infra-estrutura no povoado como estradas, transporte coletivo, água potável e atendimento da saúde.



Sra. Luiza (em pé), cozinheira das festas e rezadeira, com Dona Dina (no canto) e Deonice na oficina de auto-identificação do povoado pantaneiro de Joselândia (01/09/2006)

O Povoado: rio e estrada

"Pantanal era circulação de lancha de embarcação, navegação do rio, é! E esse tempo era mais favorável do que hoje, porque tudo que fazia era disponível lá no rio, se a senhora colhia cem alqueires de milho, ia parar no Cuiabá. Chegava lá e vendia mais barato

do que corre aqui hoje. É esse tempo, do rio. Era muito que tinha; o que se fazia era farinha, era galinha, era banana, era abóbora, e se pegava o carro, e esse tempo era carro mineiro... e, depois, o batelão. Nas água, era batelão. Fazia batelão ai que pegava 20, 30 saco de mantimento, chegava lá, em Cuiabá. Era só chegar descarregar nas embarcações. Tirava o que queria. Saia daqui bem cedo quando era meio dia estava com tudo a carga aqui, o que precisava.” **Sr. Pedro Silvestre**

“E hoje ficou esse trânsito por aqui, né! E hoje daqui em Cuiabá, a pessoa vai, paga passagem, perde tempo. Freta um carro, vende lá, chega com a mercadoria que é pouca; acaba saindo com pouco dinheiro. Se ele freta um carro leva lá para vender, mas chega lá e está mais barato do que o que compro aqui. E nesse outro tempo, não senhora, é o que tinha era ali mesmo que vendia. E os barcos traziam tudo para comprar. E aqui, era uma fartura, porque, tudo trabalhava, tudo tinha sua chácara, seu mandiocal, seu bananal, seu canavial. Todo mundo tinha tudo. Hoje, está numa falta de tudo. O povo acha que ficou mais fácil, por causa de trânsito, mas não ficou, porque tudo ficou mais custoso.” **Sr. Pedro Silvestre**

“Antes aqui era fácil e difícil. É como ele acabou de falar aí, que tinha que por no batelão aqui e levar na beira do rio. Aqui não tinha estrada, mas ir em Corumbá era coisa mais fácil que tinha, para ir em Cuiabá também. Hoje está mais difícil, porque espera o carro: tem dia ele vem, tem dia não vem. A estrada agora é difícil.” **Sr Malaquias**



Sr. Joaquim Rodrigues elabora um mapa da comunidade de Joselândia na oficina de auto-identificação do povo pantaneiro (01/09/2006)

O Patrimônio: São Pedro de Joselândia

“O povo da Pimenteira trabalha dentro do comércio aqui, de São Pedro. Faz o básico, assim como mercado, açougue. A comunidade daqui de São Pedro compra muita coisa na Pimenteira. Do Retiro também vem para cá comprar. É um eixo. Hoje São Pedro é mais fortalecido porque nós temos a Pimenteira vizinho, temos Retiro, todo que estão aqui, até o pessoal da beira do rio, lá onde eu moro. Porque eu venho de lá, eu venho aqui, eu compro meu guaraná, meu café, eu faço meu mercado, açougue. Aqui, vem o Zé aqui também faz a mesma coisa. Então nós, circunvizinhos, que gera o movimento para São Pedro. São Pedro acaba ficando forte. Então, é uma comunidade pantaneira.” **Sr. Pedro Santana Bueno**

São Pedro de Joselândia, sede do povoado, constitui-se como uma área de *patrimônio*, com um pouco mais de 150 hectares. Suas terras foram doadas pelos herdeiros das sesmarias, como terras de São Pedro, santo padroeiro local, em 1954, quando da criação do município de Barão de Melgaço. Nesta área se concentram a Igreja de São Pedro, que demarca a entrada *nas terras firmes*, os estabelecimentos comerciais, cartório, escola, posto de saúde e residências e, em período recente, outras duas igrejas não católicas.

O *patrimônio* é uma “vila” onde se instalou uma estrutura mínima de assistência administrativa e de serviços. Este núcleo está fixado no *firme*, numa área mais elevada que não é alagável na época da cheia. O *firme* caracteriza-se pelo fato de ser uma área que não é submersa pelas águas dos rios Cuiabá e São Lourenço nos períodos de inundações; é o espaço onde são construídas as casas e roças e, também, o espaço onde fica a *invernada*, que são áreas cercadas e com pasto formado para onde são levadas as reses do *pantanal* na época da cheia.

Barão de Joselândia



Localização

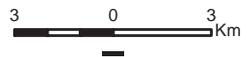


Legenda

- Cemitério
 - Pesqueiro Porto Limoeiro
 - Pesqueiro
 - Boca do Rio Barreiro, local de pesca e acesso dos ribeirinhos ao pantanal
 - Boca do rio Sapé, área de pesca dos ribeirinhos
 - Retiro de família da Pimenteira
 - Retiros de família da Lagoa do Algodão
 - Retiro de família de São Pedro
 - RPPN, limite Norte
 - Morada de famílias de São Pedro; "lutam" com pesca, criação de gado e roça
 - Portos e moradas
 - Poços e lagos de usos múltiplos
 - Fazendas
 - Comunidades
 - Reserva Ambiental Porto da Fazenda
- Convenções**
- Estradas
 - Hidrografia
 - RPPN Estância Ecol. Sesc Pantanal
 - Limite estadual

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum Geodésico Horizontal: WGS 84

Escala



A luta e a labuta

“Lavrador. Eu sou lavrador, eu, com essa mulher, criei meus filhos, né. Então, meus filhos também, trabalham nessa luta. É de lavrador, de criar, ter uma criaçãozinha. E eu venho trabalhando, trabalhando. Uma hora é de roça de plantar mandioca, plantar milho, plantar arroz. Outra hora é de luta com a criação.” **Sr. Joaquim Santana Rodrigues**, 88 anos, antigo capelão

“Minha profissão é lavrador e tocar bandeira. É de luta. De vez em quando toca sanfoninha saindo com a bandeira.” **Sr João Batista Taques**, morador de Lagoa do Algodão

“Eu sou nascido e criado em Pimenteira, luto com lavoura na Fazenda Velha. Mexo com serviço de lavoura e para dar de comer para os filhos enquanto eu for vivo.” **Sr. Narciso Tadeu da Silva Amorin**, morador da Fazenda Velha

“Minha família luta com a lavoura. Eu luto também com o desenho.” **Sr. Aristides Edivino**, morador de São Pedro, desenha e pinta bandeiras dos santos de devoção da comunidade

“Trabalho aqui nosso é de roça. Era difícil para estudar. Desde o sete anos quando podia peloteá passarinho, depois plantando, colhendo. Esse que foi nosso trabalho. Eu sou filha daqui, meu pai, minha avó, são tudo filho daqui.” **Sra. Ana Maria Moura da Silva**, moradora de São Pedro

“Minha profissão é brigando de pouco a pouco com a lavoura. Minha comunidade é lá no Matão.” **Sr. Melquiades**, morador de São Pedro

O Gado

“Porque aqui ninguém tem banco, ninguém trabalha com um centavo no banco. O banco nosso está dentro do Pantanal. Aí eu corro lá, [quando alguém da família esta doente] eu pego minhas duas vaca, esse que chama o Banco do Brasil nosso, dos pantaneiro aqui. Aí vou lá: “Seu Pedro, estou com duas vacas aqui para vender para senhor, porque estou com meu filho que num está bem de saúde e eu preciso de levantar R\$ 500,00, o senhor tem?” E ele: “pá, está aqui o dinheiro! Vai atender sua saúde, o dia que você vier, você me entrega o gado”. E é assim de um para outro. Aqui o Banco do Brasil, é de todo mundo aqui, está dentro do Pantanal, é o gado. Esse é a minha palavra e pode confirmar com todos eles aí.” **Sr. Pedro Bueno**, morador de São Pedro e ribeirinho

O muxirum

Esse trabalho coletivo da época passada ela era mais firme do que hoje. Hoje ela é mais diversificada.

“Era na colheita de roças, na limpeza de cemitério, limpeza de estradas, na pesca, quase em tudo trabalhavam em regime de muxirum. Na pesca, faziam azeite de peixe, então, ia praticamente a comunidade. Iam a uma baía para fazer gordura, azeite de peixe. Então, ia todo mundo.” **Otoniel Gonçalves Padilha**, morador de Pimenteira, entrevista 11/2003



Sr. Francisco Oliveira transportando mandioca para fazer farinha

Situações de conflito

Cercamento das terras. Expansão das grandes fazendas. Criação de unidades de conservação integral. Nova legislação ambiental.

O povoado encontra-se pressado entre grandes fazendas, localizadas nas terras altas e nas áreas mais baixas do Pantanal, áreas de inundação e de uso comum, onde fica o gado dos moradores de Joselândia em época de seca. Na cheia a roça é inundada, com prejuízo da colheita caso a chuva chegue mais cedo, e o gado perde espaço de proteção nas terras altas, agora impossibilitadas de uso, pela desativação de antigas fazendas e pelo alto preço do arrendamento de terras para as condições do pequeno produtor.

O cercamento das terras comunais, que se intensificou ultimamente, mesmo entre médios e pequenos produtores, convertendo-se o pantanal em propriedade privada e de uso particular, vem enfraquecendo de forma decisiva a organização familiar para o trabalho.

“Mudou, foi esse que mudou, que hoje partiu. Em outro tempo a sesmaria é comum, era uma só. O gado subia no Lixero aí, ia bater de costado, de divisão com a cerca de Alfredo Marques, e hoje está tudo partido, aqueles que não tem, porque o povo foi aumentando, então foi cercando, um cerca, outro cerca, aquele que tem mais jeito cercou mais, outro cercou mais, e aí [pensa um pouco] ... acabou. No tempo que era comum, a pessoa roçava, plantava, tirava a cerca, ficava aquele capoeirão, ficava pasto, gado comia, né! E aí, e depois, é como eu estou dizendo para os senhores, que esse aqui, a gente enxergava lá para toda parte. O pasto tinha por toda parte, e hoje virou bamburro, acabou o pasto, né! Que o pasto que esta tendo é só feito. E outro tempo o campo era enorme, era limpo e aí suportava o gado porque que era comum. E hoje, cada um tirou seu pedacinho, aquele que não cuidar não tem. Isso, que tudo que tirou, que tem sua parte aqui, em cima no firme, você cria suas criação, é como Pedro está falando, que aqui quase tudo tem, mas tudo tem que fazer, porque a hora que o gado sobe do Pantanal, aí tem que recolher ele no pasto, se não tiver pasto, não tem condição, para ficar dentro d’água, como aqui que, esse largo aí. [da Igreja].” Sr. Pedro Silvestre

“Ah, tudo está cercado! Cada um que faz uma roça já deixa o arame, outro faz uma rocinha já deixa o arame, aí não tem onde ir. Aí agora tem só que morar.. Porque até aonde fazia a roça está [cercado], não tem mais [espaço].” Sra. Ana Maciel de Araújo

“Antigamente tinha [mais gado] porque a vivência coletiva ela produz mais. A cerca prejudica de certa maneira os pequenos, é por isso que gera miséria porque os pequenos não têm onde trabalhar. E os grandes sobra onde trabalhar, mas não produzem nada. E aí gera os latifúndios, e improdutivo.” Otoniel Gonçalves Padilha

A repressão à atividade da pesca

“Se o peixe de primeiro tinha de fartura quando a água vinha – aí, o peixe nadava aí, na porta, todo mundo tinha peixe – agora vai lá na beira do rio e o fiscal esta lá em cima, se facilitá vai preso, toma rede, toma tarrafa. Até prende ele e ainda bate e você fica com medo de ir



Srs. Libório (desenhando) e Toti (gesticulando) elaboram uma parte do mapa das comunidades pantaneiras de Joselândia na oficina de auto-identificação (01/09/2006)

na beira do rio colher um peixe. Então, esta lá o peixe lá, mas fica com medo de ir. [...] Tem, tem, tem a época [de ir] que fala lufada mês de maio, junho, esses que gente fala, ta subindo tem muito peixe. Ah, vai tudo lá, vai pescar para fazer até gordura, depois de um cinco anos para cá que o fiscal bateu duro mesmo; ninguém não pode fazer gordura. Não vai fisgar um peixe nem de anzol, eles costuma as vezes tomar até vara de anzol, quebra e joga fora. Quebra a canoa, tora a canoa, liga o moto-serra. Pega o senhor pescando lá ele pega a canoa, joga lá no meio de lá.” Sr. Silvério Dias Gomes

“Outro dia roubaram meu cunhado, roubaram não, eles tomaram a vara dele, puseram arma no peito.” Sra. Maria Benedita da Silva

Pesca : a escassez de peixes

“Porque há vinte anos atrás, por exemplo, eu tava com vinte e dois anos, eu saía daqui, ia na beira do rio, usava lá, eu chegava e vinha com oito, dez pacu. Hoje quando pego dez pacus numa semana ou numa quinzena eu já estou feliz, porque o peixe hoje da região nosso, hoje eu sou credenciado à pesca profissional, mas o peixe da região acabou. Mas num pensa que São Pedro de Joselândia acabou com peixe; num é eu que sou com a carta de pescador, são os grande pessoal de fora que tem recurso financeiro. Então, por causa de que hoje o cara, se for pra ele montar no cavalinho dele e deslocar dez quilômetro para ir busca um peixe para dar o sustento para a família dele, é preferível ele trabalhar por uma diária e ir no açougue e comprar cinco quilo de carne. Ele está mais certo que ele vai jantar bem com a família. Então, eu, por exemplo, tenho hoje, tenho quinze anos de pesca profissional, mas estou quase abrindo mão da minha profissão, porque se eu fosse depender só da minha profissão (que eu vivo da pesca), meus filhos estavam até passando fome, não tinha nem como comprar um chinelo havaiana para por nas minhas crianças, nem para por eles na escola, sabe! É porque acabou, é verdade isso, estou falando para comunidade, eu vivo dentro do Rio Cuiabá. Pode acreditar que nós não temos mais aquelas maravilha, aquelas riqueza do tempo de meu pai, de meus tio. Tudo que está aqui presente sabe do que eu estou falando, que eu acompanhei e vi, criei lá vendo aquela riqueza. Hoje o maior peixe que tem na região do Rio Cuiabá, chama-se curimbatá, que é o peixe mais (quer dizer, uns fala curimbatá, outros papapeva, né!), mas é o peixe que menos tem influência pra consumo da comunidade, né!” Pedro Santana Bueno



O muxirum na limpeza de estrada no Pantanal de Joselândia na cheia

Relação dos presentes na oficina, por ordem de assinatura da lista de presença, em data de 01/09/2006

Ana Maciel de Araújo
Ângela Costa Leite
Tarcila Pereira Rodrigues
Aristides Edivino de Moraes (Tico)
Ataíde Dias Moura
Verediano Andrade de Souza (Vedê)
Deonice Bueno de Moura
José Domingos Padilha de Moura (Zé Dias)
Edenir de Arruda (Paiva)
Narciso Tadeu da Silva Amorim
Francisco Oliveira
João Batista Taques (Toceira)
Sebastião de Arruda Silva (Nhozão)
Amália da Rosa Oliveira
Isabel Nunes Serqueira
Ana da Silva Amorim
Maria José da Silva
Benedita de Arruda Amorim (Dona Sinhá)
Melquíades Pereira da Silva
Joaquim Santana Rodrigues
Pedro Silvestre da Silva
Malaquias Soares de Amorim

José Maria da Silva Alvarenga
Rita Delmira Alvarenga
Leoneta da Guia Taques de Amorim (Dona Neca)
Libório Santana da Silva
Pedro Santana Bueno
Dina R. de Moura Bueno
Idalina Xavier Bueno
Maria Benedita da Silva
Walter Lauro Bueno de Moura
Luiza da Silva Rodrigues
Maria Catarina Silva Santos
Domingos Maria da Silva
Antônio Santana da Silva Moura (Toti)
Januário Gonçalves Correa
Maria Irene da Rosa
Verônica
Rita Maria da Rosa Nazareth
Maria José de Moura
Francisca da Silva
Rosa Maria Rodrigues Arruda
Lázaro R. da Silva Santos
Walmir Pereira da Silva

CONTATO

Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos Instituto
de Ciências Humanas e Sociais/ UFMT
Av. Fernando Corrêa da Costa s/n
Campus Universitário
Bairro Coxipó da Ponte
76060-900 Cuiabá MT
telefone 65. 3615-8487
neru@cpd.ufmt.br



Sr. João Batista, com sua banda, "passam" a bandeira coletando ajuda nas comunidades para a festa a Nossa Senhora Aparecida, na Pimenteira



Srs. Zé Silva (com viola de cocho), Evaristo (com ganzá), João Batista (viola) e Jicada (ganzá) homenageiam o padroeiro no empalçado, na Festa de São Pedro 2006



Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas**
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco**
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi. Roraima e Amazonas**
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo**
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina**
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia Mato Grosso**

REALIZAÇÃO

Associação dos Moradores de São Pedro de Joselândia

Associação dos Moradores da Pimenteira Irmandade de São Pedro

APOIO

Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos – UFMT



Ministério do Meio Ambiente



Fazenda N